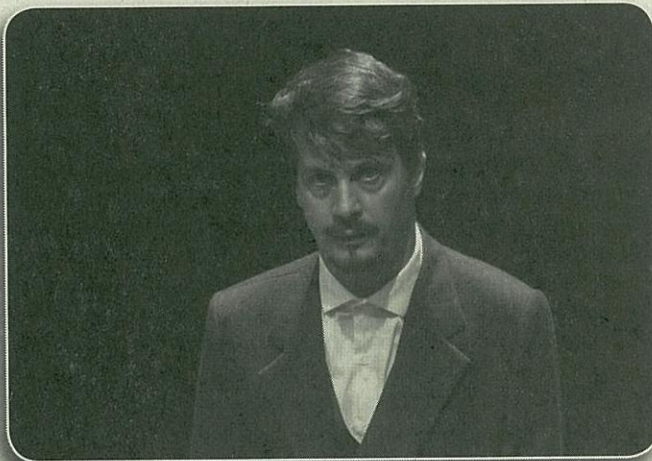


Se isto é um homem

Companhia de Teatro de Almada



Auschwitz é um nome e um lugar gravado na nossa memória, especialmente dos europeus e dos judeus em particular. Infelizmente não foi o único campo da morte é, simplesmente, o mais conhecido. É o lugar do terror, da loucura e de todo o mal que o homem pode criar a partir da ideia de supremacia de uma raça. Foi uma das peças principais do holocausto idealizado, preparado e executado sob o nome, solução final.

Se isto é um homem traz-nos uma reflexão profunda sobre o dia-a-dia de um preso em Auschwitz, uma reflexão na primeira pessoa nessa industrial máquina de matar. Todos os dias, sem intervalos, domingos ou feriados as câmaras de gás eram palco de execuções em massa. Muitos, acabados de chegar em apinhados comboios, nem se apercebiam do que lhes estava prestes a acontecer. A imaginação humana tinha dificuldade em elaborar e validar um plano tão perverso e tão cruel, vindo de um outro ser humano. Julgavam que se tratava de um banho, antes de lhes serem distribuídas as roupas do campo, as roupas que eles viam os outros presos envergarem. Depois, vazios do sofrimento da vida, os corpos eram conduzidos em vagonetas aos fornos crematórios. Ambos os sistemas foram concebidos pela indústria alemã de acordo com estudos e projectos que garantiam a fiabilidade e o perfeito funcionamento da solução final. No pós-guerra, ninguém sabia que o sistema e as suas máquinas asseguravam um único fim, matar.

Rogério de Carvalho, faz a adaptação e encena, criando o espaço propício para prender o público à história que irá sendo, pausadamente contada. É necessário que o público assimile, sinta o que se passou e como se passou, é importante não esquecer e conhecer, provavelmente novos detalhes, novos pormenores sobre a vida no

campo da morte. Primo Levi, um judeu italiano, teve a sorte de viver para contar. Os nazis, precisavam dele por ser engenheiro químico e foi conseguindo, à custa de alguma sorte, sobreviver. Foi libertado pelo exército vermelho em 27 de Janeiro de 1945.

Depois do encenador o palco fica entregue a um único protagonista, de fato cinzento, mudando de posição de acordo com a descrição que vai realizando, num silêncio entre cortado por um som militar, muito suave, quase insignificante. O trabalho de Cláudio da Silva vai evoluindo, prendendo a nossa atenção perante a incomodidade da descrição. Algumas vezes recorre-se à iluminação para garantir essa fixação, o texto é longo e é necessário que ninguém se canse de o ouvir ao longo da hora e meia. Cláudio Silva mantém sempre a serenidade e a clarividência do discurso. A descrição é brutal, Auschwitz e o seu significado não pode cair no esquecimento. Ninguém pode ignorar o que ali foi feito, o massacre sistemático de milhões de seres humanos. Cláudio Silva, também está seguro disso, tem que se fundir, a cada palavra, a cada frase com o autor. O texto não é fácil, não tem apoio ou deixas, tem que fluir sempre sem deixar qualquer mancha ou nódoa no discurso e ele, ali, está sozinho.

Auschwitz não é só uma vergonha é um pesadelo. Quando entramos naquele local, mais de sete décadas depois, o peso e a sombra da morte, continua ali, na câmara de gás, no forno, na lista infundável dos nomes ali registados e que, sem qualquer tipo de ressentimento dos seus carrascos foram, liminarmente, eliminados.

Como, no excelente cenário criado por Manuel Graça Dias e Egas José Viegas, com pórticos sucessivos, estreitando-se numa convergência continua onde a vida e a esperança se extinguem, como em Auschwitz. O último pórtico já é só uma porta, provavelmente, não a de saída ou a da Liberdade. A pintura de cena esteve a cargo de Diogo Costa.

É um trabalho importante e é nossa obrigação, especialmente nestes tempos de incertezas, manter viva a memória dos homens, os perigos da loucura, do totalitarismo estão sempre aí, à espera, manifestando-se nas posições xenófobas e racistas, umas vezes com premeditada subtilidade outras, utilizando formas mais agressivas.

Um trabalho ponderado de Rogério de Carvalho mostrando a sua maturidade e a sua coerência na defesa dos valores da dignidade e da liberdade. Sem dúvida uma justa homenagem a Primo Levi nos 100 anos do seu nascimento.

ANTÓNIO MARQUES